

UM GRANDE MESTRE

*Professora Adjunta na
EASP/FGV

*Maria Ester de Freitas**

Sou uma pessoa de sorte. Tive grandes professores e tenho alguns grandes mestres. Se faço diferença entre eles é porque creio que ela de fato exista. Os primeiros nos ensinam com muita competência, dedicação e, não raro, com brilhantismo, a descobrir coisas novas, a nos interessar por um dado assunto, a criar o gosto pelo saber, a assumir e desenvolver nossa capacidade criativa na compreensão e resolução de problemas; também nos estimulam a buscar conhecimentos mais complexos e, eventualmente, a fazer deles bom uso. Aos segundos também são creditados esses atributos, porém eles vão além, pois demonstram uma grande sensibilidade e são generosos para com os demais. Essa sensibilidade se manifesta na maneira aberta que abriga a alteridade, no texto que escolhe, no pensamento que constrói, nas palavras ditas ou não ditas; a generosidade marca a razão e a forma como acolhe o outro, compartilha o que sabe, compreende a insegurança e a pequena vaidade talvez defensiva do outro, e como lança o olhar carinhoso de quem aposta e aguarda que dali vai emergir algo especial. Os grandes professores são bons profissionais, que fazem bem o seu dever de classe e de casa; os grandes mestres são homens de fé, acreditam no ser humano e na possibilidade concreta de construção de um mundo melhor sem, contudo, retirar do homem a sua natureza humana. É muito mais uma questão de ser 'graças à natureza humana' do que 'apesar da natureza humana'. Os grandes professores nos marcam por um tempo, os grandes mestres nos acompanham durante toda a vida.

Ouvi, certo dia, um elogio a um professor por ser alguém que não tinha sido embrutecido pelos estudos. Aquilo mexeu comigo, fiquei ruminando e deparei com o seu significado: a ausência da arrogância, da soberba, da avareza. Em seu lugar, vi a humildade, a discrição, o desprendimento, a generosidade e uma grande alegria de viver. Meu grande mestre, e de tantos outros, Fernando C. Prestes Motta é assim. É fácil falar sobre e com ele. É alguém que vive com seus estudos e com os outros, de uma maneira simples, natural, discreta e

generosa. Coexistem em Fernando duas obras: a que ele escreve e a que ele é; não consigo separá-las. Ele está em tudo o que escreveu e escreve, na inquietação que o animou e o anima em cada época, na vontade que provocou e provoca em outros para conhecerem mais, no destemor de criticar mesmo sob o risco de ficar sem chão debaixo dos pés, no exemplo de dedicação e amor que marca sua relação com os alunos, orientandos, colegas e amigos. É um homem erudito; no entanto, sua erudição não afasta o outro; é um homem íntegro, embora a correção de seu caráter não sucumba à tentação moralista; é um homem leal, entretanto sua lealdade não inibe a crítica; é um homem intelectualmente ousado, porém sua ousadia não é assustadora nem irresponsável. E é um homem, não um deus!

O mundo acadêmico, como todo o mundo organizacional, é um microcosmo de muitas facetas, no qual racionalidades e irracionalidades se encontram, complementam-se e se confrontam. É raro obter-se um consenso a respeito de qualquer matéria. Organizar uma homenagem para o Mestre Fernando foi o único consenso fácil que presenciei na minha vida até agora. Dificuldades ocorreram, porém eram de outra natureza e me vi presa em algumas saias justas. Por que convidar uma e não outra pessoa para compor uma mesa em que todos fariam sua exposição? Como estabelecer um limite de tempo para cada participante, se cada um tem seu ritmo e pode sublinhar seu depoimento com liberdade? Como definir, numa única noite, os espaços de manifestação pessoal e profissional de alguém da estatura de Fernando? O mundo das intenções felizmente é bem compreendido de vez em quando... Fui agraciada com a compreensão de todos.

Eugène Enriquez, outro grande mestre, teria ficado feliz em ter estado conosco naquela noite de 3 de setembro de 2002. Seja pela relação de respeito e carinho entre ele e Fernando, seja pela rara ocasião de um casamento entre o reconhecimento do desejo e o desejo do reconhecimento de que ele tão brilhantemente fala em uma de suas obras. No primeiro caso, é a marca individual, a contribuição original e a palavra livre do homem que a profere que são reconhecidas. No segundo, é o reconhecimento dado a este homem como parte importante de um grupo, que o envolve num abraço e lhe presta uma justa homenagem pelo que fez, faz e é. Todos nós temos a necessidade de ter nosso

nome associado a algo positivo, belo e correto; infelizmente nem todos conseguem, mesmo quando merecem. Mas quando celebramos alguém, brindamos a nós mesmos por meio da identificação; quando vemos alguém que admiramos ser admirado e respeitado por todos, irmanamo-nos a esse todo; ao vermos brilhar alguém que amamos, somos também iluminados por esse brilho, se a nossa inveja não for maior que o nosso amor.

Tenho para com o Fernando uma grande gratidão publicamente assumida. Fui sua aluna no mestrado e tive muitos sobressaltos com suas aulas de temas inquietantes, pois vinha de uma formação em Administração muito fechada, em que tudo era neutro, e as abordagens, pragmáticas. Fui brindada com uma enorme paciência e zelo e, depois, como sua orientanda no doutorado, tratada com muito respeito e confiança demonstrados pela liberdade intelectual e apoio incondicional que dele recebi. Devo a ele muitas das reflexões que me fizeram decidir por uma carreira acadêmica exclusiva e, hoje, depois de 18 anos, considero esta a melhor decisão profissional que tomei na vida, sem arrependimento das anteriores. Fui aceita como sua colega na FGV, há 11 anos, com muita naturalidade e me orgulho profundamente de compartilharmos mais que uma sala de trabalho. Discutimos e fizemos coisas em conjunto, como organizar o livro *Vida psíquica e organização*.¹ Dedico-lhe incondicional amizade e carinho. Acima de tudo, ele é e sempre será, para mim, a referência de uma pessoa inteira, que sabe que o lado profissional é parte importante da vida, mas só uma parte. Vejo nele um homem, não para ser embrutecido pelo que é ou possa vir a ser, e sim um homem de fé em palavras, silêncios, gestos e ações. Sou uma pessoa de sorte: tenho a honra de tê-lo como meu grande mestre, e também me honra ter, na mesma condição, Carlos Osmar Bertero, Maurício Tragtenberg e Eugène Enriquez, mestres que marcaram e marcam a vida de forma indelével.

Eu poderia falar da outra obra do Fernando, mas tenho certeza de que os colegas que me seguem dirão um pouco sobre ela. Creio que, para eles, também deve ser difícil separar o homem de sua obra. Muito me alegra a oportunidade de compartilhar, com o público desta Revista, esses depoimentos de colegas e amigos do Mestre Fernando, que expressam, em poucas palavras, a riqueza e a dedicação de um acadêmico que honra e se orgulha da profissão que abraçou.

¹FGV, 2000.